

William Balée
Professor Associado
Departamento de Antropologia
TULANE UNIVERSITY
1021 Audubon Street
New Orleans, Louisiana 70118
USA

O POVO DA CAPOEIRA VELHA:

CAÇADORES-COLETORES DAS TERRAS BAIXAS DA AMERICA DO SUL

Trabalho Apresentado na Conferência Amazônica da
Fundação Memorial da América Latina (São Paulo)
em 25 de março de 1992

Os diversos habitats da Amazônia e de outras terras baixas da América do Sul, mesmo aqueles excluídos da atual onda de 'desenvolvimento,' são frequentemente vistos como sendo puramente naturais. Os caçadores-coletores das terras baixas da América do Sul são considerados os povos mais aptos para ocupar o "espaço humano" deste ecossistema. Eles são os poucos remanescentes que, supostamente, não usam agricultura na Terra. Antropólogos geralmente consideram os caçadores-coletores modernos como povos que exploram recursos "silvestres," sobre cuja reprodução, distribuição e comportamento os seres humanos exercem pouca ou até nenhuma influência. Desde que a caça-coleta era o único meio de subsistência durante milhares de anos da evolução humana (veja Neves 1988, CIENCIA HOJE), sendo gradativamente substituído pela vida agrária a somente cerca de 10.000 a 5.000 mil anos em todo o mundo, alguns bio-antropólogos, em procura das origens do homem, acham que pesquisas sobre os caçadores-coletores modernos, tais como os da Amazônia, poderiam elucidar padrões de utilização de recursos por parte dos nossos antepassados pré-agrícolas. A

vida econômica dos caçadores-coletores da Amazônia, incluindo os recursos e habitats que eles realmente exploram, porém, mostra um cenário bem diferente destas premissas.

O PROCESSO DE REGRESSÃO AGRÍCOLA

As sociedades indígenas hoje associadas com a família linguística Tupí-Guaraní são bem diversas. Por exemplo, os Tupinambá e Guaraní do fim do período pré-histórico e início dos tempos coloniais eram organizados em cacicados. Mas muitos outros, tais como os Guajá, Heta, Aché e Avá-Canoeiro não tinham unidades sociais mais complexas do que bandos nomádicos. Os Tupinambá tinham aldeias com uma população média de 625 pessoas. Os Urubu-Kaapor modernos do Estado do Maranhão, também possuidores de uma língua Tupí-Guaraní, mostram aldeias médias de apenas 33. Mas estas sociedades, apesar das suas diferenças a nível socio-cultural, compartilham ou compartilharam, no passado, uma característica chave: o cultivo intensivo de plantas.

Plantas cultivadas pelos povos Tupí-Guaraní do litoral Atlântico, por exemplo, incluíram mandioca, banana, milho, amendoim, pimenta de cheiro e pimento malagueta, abóbora, batata doce e abacaxi. Nenhum cronista do século XVI observou uma sociedade Tupí-Guaraní do início da época colonial a ser sem horticultura. Portanto é necessário saber porque vários grupos Tupí-Guaraní atuais subsistem exclusivamente de forrageio (isto é, dependem de recursos que eles mesmos não criam, plantam ou

manejeam). Estes grupos incluem os Heta, Aché, Avá-Canoeiro, Guajá e Setá. Evidências linguísticas e históricas sugerem que cada um destes grupos de caçadores-coletores do presente regrediram de uma fase anterior de sociedade agrícola. Apesar de não possuírem roças, as línguas destes povos mantiveram palavras Tupí-Guaraní para plantas cultivadas, tais como caju, urucu, abacaxi, inhame, pimenta e milho. Estas palavras Tupí-Guaraní foram herdadas da língua-mãe, proto-Tupí-Guaraní, que existiu a cerca de 2.000 anos atrás, e não adquiridas em tempo recente.

Forças sociopolíticas parecem ser as responsáveis pela regressão das sociedades hortícolas e semi-sedentárias para uma vida de caça-coleta e nomadismo. Estas forças, tais como doenças epidêmicas, expedições para captura de escravos (por exemplo, pelos bandeirantes) e guerras coloniais também devastaram os caçadores dos índios Tupinambá e Guaraní do litoral. Durante o surgimento de sociedades forrageadoras em época mais recente, tais forças, estavam atuando em volta de sociedades já reduzidas. Os Guajá (chamados 'Uayás') viveram em aldeias nos anos 1760s no baixo Tocantins, não em acampamentos provisórios como é o caso atual. O baixo Tocantins era testemunha da intensa guerra movida por milicianos coloniais e seus mercenários indígenas contra sociedades indígenas com pouco contato até este período. Os Guajá, clandestinos, já ao leste do alto Gurupi em 1872, foram descritos como sendo 'perseguidos' por todos os outros grupos indígenas da região e como um povo sem horticultura. De acordo com índios Urubu-Kaapor modernos, os

Urubu-Kaapor nao teriam permitido o estabelecimento de aldeias por parte dos Guajá; os guerreiros Urubu-Kaapor também eram mais numerosos do que os Guajá (Balée, 1988).

As florestas dos índios Heta e Aché (Guayaki), no estado do Paraná e no leste do Paraguai, passaram por uma longa história de missionização, doenças epidêmicas e escravidão. Na região dos índios Héta (entre os Rios Piquirí e Ivaí, na Serra dos Dourados), há varios sitios arqueológicos datando de milhares de anos atrás (Chmyz e Sauner, 1971). Missões Jesuítas foram fundadas entre 1576 e 1630 na região, onde índios Guaraní foram concentrados. Depois de 1632, porém, bandeirantes de Sao Paulo destruíram estas missões. Os Guaranís, que fugiram para o Paraguai, abandonaram suas aldeias, e índios Gê, os Kaingang, subsequentemente ocuparam estas aldeias (Maack 1968). Estes recém-chegados por sua vez se tornaram inimigos dos Héta e poderiam ter impedido o estabelecimento de aldeias dos Héta (Kozák et al. 1979). As origens, de um estilo de vida exclusivamente caracterizado pela caça e coleta nao parecem associar-se a uma opção que uma sociedade agrícola escolhe livremente. Guerra, doenças epidêmicas e depopulação podem tornar horticultura e sedentarismo menos promissoras do que o forrageio para algumas sociedades.

E lógico admitir que, na transição de sedentarismo para nomadismo, há uma dependência econômica crescente de plantas nao cultivadas dos grupos envolvidos neste processo. As espécies que se tornam recursos botânicos primários, porém, nao podem ser bem

caracterizadas como espécies 'silvestres.' Pelo contrário, estas plantas só se tornam dominantes e/ou freqüentes em áreas perturbadas por atividades agrícolas. Ou seja, são, de alguma forma, artefatos vegetais de um passado agrícola, as vezes resultado de outras sociedades.

CAÇADORES-COLETORES E CAPOEIRAS VELHAS

Descrições dos habitats dos Héta forrageadores do Paraná e dos Achê do Paraguay apontam para um manejo agrícola no passado. Primeiro, ressalta-se que a região foi ocupada por índios agrícolas, os Guaraní, cuja população no momento do contato era de aproximadamente 1,500,000 pessoas com uma densidade demográfica de 4 pessoas/km². O que é mais alto que a densidade demográfica da Amazônia moderna e 20 vezes mais alto do que a densidade média de grupos indígenas das terras baixas da América do Sul de hoje em dia, que gira em torno de 0.2 pessoas/km². Esta região foi subsequentemente colonizada, tornou-se cenário de guerras coloniais, e foi em grande parte abandonada pelos índios. É possível que muita da floresta 'primária' da região nunca recuperou-se, ou pelo menos foi irreversivelmente modificada por perturbações agrícolas do passado. As florestas que os Héta exploraram, como os Héta em si, infelizmente não existem mais. Estudos gerais da vegetação da Serra dos Dourados no Estado do Paraná, habitat dos Héta, porém, foram feitos nos anos 1960. O geógrafo Maack identificou várias espécies que foram

"predominantes" na mata pluvial que caracterizou a região dos índios Héta. Estas espécies incluíram a palmeira 'macaúba' (*Acrocomia sclerocarpa*), 'acácia' (*Cassia multijuga*), 'capa bode' ou 'espinheiro' (*Acacia polyphylla*) e 'jaracatiá' (*Jacaratia spinosa*), todas elas espécies bem conhecidas de mata successional (p. ex., Lisboa et al. *Ciência Hoje* 1987). Por exemplo, a palmeira *Acrocomia* na zona central do Paraguai está fortemente associada a capoeiras. O botânico Markley notou que uma floresta densa, aparentemente 'virgem', com a presença de *Acrocomia* era, de fato, um capoeirão antigo. Um estudo da área mostrou que havia sido uma zona de agricultura de tempos pre-colombianos até depois da Guerra da Tríplice Aliança (1865-70). Na Amazônia, a 'macaúba' frequentemente se associa a terra preta do índio e outros capoeiras. *Acrocomia* era um item dietário importante aos Héta. Eles consumiram suas amêndoas, ricas em proteína, uma farinha do palmito e as larvas de coleópteros que habitavam o fruto (Loureiro Fernandes, 1964; Kozák et al., 1979).

Acacia polyphylla e *Cassia multijuga*, espécies 'comuns' a área dos índios Héta são fortemente associadas a áreas perturbadas pela agricultura na Amazônia (Balée & Campbell, 1990; Lisboa et al. *Ciência Hoje* 1987). Florestas de bambu, também encontradas no habitat dos Héta são frequentemente associadas com coivara, pelo menos na Amazônia (Balée, 1989). Os Héta usavam o bambu para fazerem os talos das suas peneiras.

Maack também registrou uma 'riqueza' de cipós, epífitas, aráceas, bromeliáceas e orquídeas na floresta dos Héta. Matas de

cipó parecem ser florestas successionais (Balée e Campbell, 1990). Também existiam duas espécies de palmeiras no habitat dos Héta, açai (*Euterpe edulis*) e jerivá (*Syagrus romanzoffiana*). Jerivá foi considerada a espécie 'mais comum' no habitat dos Héta (Loureiro Fernandes 1964; Maack 1968). Estas palmeiras são frequentemente cultivadas como plantas ornamentais nos grandes centros urbanos do sul do Brasil. É provável que sua dominância ocorra em áreas perturbadas. Os Héta utilizavam a palmeira jerivá para muitos fins utilitários. Frutos de palmeiras, de modo geral, foram descritos como a 'base da dieta' dos Héta (Loureiro Fernandes 1964:40). Os Héta consumiam o mesocarpo, a amêndoa e o palmito do jerivá. Eles usavam a espátula como receptáculo. Toda a cestaria, corda, tipóias, esteiras e linha para pescar foram derivadas da fibra desta palmeira.

A presença frequente de mais uma espécie, laranja 'silvestre' (*Citrus aurantium*) fornece fortes evidências para modificações anteriores do terreno em que os Héta foram primeiro contactados nos anos 1950. As laranjeiras foram plantadas por missionários Jesuítas nos séculos XVI e XVII. Embora alguns dos laranjais tenham expandido no decorrer do tempo, estes não teriam existido no habitat dos Héta se não fosse pelo fato de terem sido introduzidos no passado. As laranjeiras, em combinação com várias espécies comuns a capoeira velha, significam que o habitat dos Héta não deve ser descrito como 'virgem'.

Laranjeiras silvestres também existem no habitat dos Aché, tendo sido também plantadas por Jesuítas dos séculos XVI e XVII. Além das laranjeiras, gêneros comuns ao habitat dos Aché são comuns a capoeiras, tais como 'cedro' (*Cedrela fissilis*), 'muiracatiara' (*Astronium*), 'freijó' (*Cordia*), 'sumaúma' (*Ceiba*) e 'jacaratiá' (*Jacaratia*). Estas espécies e gêneros também ocorrem no habitat de 'cocal' dos índios Guajá. O recurso botânico de maior importância para os índios Aché, tanto como alimento quanto matéria-prima para fazer muitas ferramentas e utensílios foi jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), como no caso dos Héta. Jerivá promovia aos Aché botões comestíveis, farinha e larvas comestíveis, além de madeira para o arco, corda do arco, palha para cobrir as casas, esteiras, abanos e uma mala para guardar arte plumária (Clastres 1972, Vellard 1934). Os sítios preferidos dos Aché, para seus acampamentos, eram dominados pela palmeira jerivá. *Acrocomia* ('macaúba') também esteve presente nestas localidades. Frutos da palmeira *Acrocomia* fazem parte da dieta alimentar dos Aché (Hill et al. 1984).

Outros indicadores de perturbação no habitat Aché incluíam florestas de bambus e matas de cipó (Balduz 1936). Há alguma divergência se a sociedade Aché seria melhor considerada uma sociedade de caçadores ou uma sociedade de apicultores (dependiam muito de mel na sua dieta alimentar). De qualquer maneira, é lógico considerá-los como uma sociedade de capoeiras velhas. Estas capoeiras velhas abrigam recursos botânicos em que eles diretamente e indiretamente dependiam.

Os acampamentos e recursos botânicos mais importantes aos índios Guajá do Estado do Maranhão, nas bacias dos Rios Gurupi, Turiaçu e Pindaré, demonstram similaridades surpreendentes aos dos índios Héta e Aché. Como com os Héta e Aché, os Guajá exibem uma dependência muito alta de palmeiras para comida, abrigo, roupas, ferramentas e utensílios (veja Tabela I). As palmeiras economicamente mais importantes na subsistência Guajá são indicadores de perturbação bem conhecidas. Por exemplo, babaçu, inajá e tucuma, quando ocorrem na terra firme, apontam sítios agrícolas do passado na Amazônia de modo geral (Balée 1988).

Os Guajá tendem a localizar seus acampamentos temporários em cocais, onde domina a palmeira babaçu (veja Tabela II). Outras espécies dominantes nestes cocais incluem indicadores de perturbação agrícola, tais como 'pau d'arco roxo' (*Tabebuia impetiginosa*), 'joão mole' (espécies arborícolas da família Nyctaginacéa), 'taperebá' (*Spondias mombin*), 'inajá' (*Maximiliana maripa*), 'jaracatiá' (*Jacaratiã spinosa*), 'jatobá' (*Hymenaea courbaril*), e 'sumaúmeira' (*Ceiba pentandra*). Muitas destas espécies são úteis de uma maneira ou outra, como fonte de alimento, alimento para caça perseguida pelos índios, material de construção, etc. Esta floresta existe em pequenos núcleos no Alto Turiaçu, aonde existe um Posto da FUNAI e 36 índios Guajá agregados. Este sítio era uma aldeia Ka'apor, agricultores, num passado não muito distante, em torno de 1940. A floresta circundante é mata alta de terra firme, o que demonstra grandes diferenças com o capoeirão (ou cocal) dos índios Guajá. Todas as

trinta espécies mais dominantes de mata alta de terra firme no habitat dos Guajá são diferentes das espécies listadas em Tabela II (veja Balée, 1992).

Isto indica que já houve alguma influência humana que teria contribuído à biodiversidade atual da região, haja vista que determinadas espécies são exclusivas ao cocal. Uma argumentação semelhante pode ser oferecida a respeito da biodiversidade das "matas" e capoeiras velhas de várias partes do sul do Brasil. Enfim, podemos fornecer as seguintes conclusões sobre as adaptações históricas de vários caçadores-coletores atuais na Amazônia e redondezas: 1) muitos dos caçadores-coletores que atualmente habitam na Amazônia e outras terras baixas da América do Sul são descendentes de grupos horticultores, tendo perdido o cultivo de plantas domesticadas durante períodos de regressão agrícola; 2) os caçadores-coletores da Amazônia dependem de recursos botânicos que não são bravos: isto é, esses recursos são artefatos de perturbação agrícola pela parte de índios horticultores e podem ser considerados, portanto, como sendo plantas semi-domesticadas; 3) as florestas exploradas pelos caçadores-coletores não são principalmente matas altas de terra firme, mas sim, capoeiras velhas. Seria mais apropriado, portanto, para denominar esses caçadores-coletores "povo da capoeira velha" e não como "povo da floresta."

E preciso manter em mente que este estilo de vida não poderia continuar sem a continuação das capoeiras velhas, isto é, sem a proteção das mesmas. Tal política seria altamente coerente

com os esforços contra a extinção de espécies também, pois várias espécies que ocorrem nas capoeiras velhas são exclusivas a este tipo de floresta, e são raras. Em outras palavras, a conservação de capoeiras velhas se constitui de importância igual a conservação das matas chamadas "primárias," tanto do ponto de vista biológico quanto do cultural. A biodiversidade das capoeiras velhas, finalmente, tem que ser enquadrada como ela é: oriunda das atividades econômicas de horticultores indígenas, não o resultado aleatório de alguma natureza supostamente abundante e infinita.

BIBLIOGRAFIA

- Baldus, H. 1936. Ligeiras notas sobre duas tribos Tupi da margem paraguaya do Alto Paraná (Guayaki e Chiripá). *Revista do Museu Paulista* 20:749-756.
- Balée, W. 1988. Indigenous adaptation to Amazonian palm forests. *Principes* 32(2):47-54.
- . 1989. Cultura na vegetação da Amazônia brasileira. Págs. 95-109 in *Biologia e ecologia humana na Amazônia: Avaliação e Perspectivas* (W. A. Neves, coordenador). Coleção Eduardo Galvão, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém - Pará.
- . 1992. Indigenous history and Amazonian biodiversity. Páginas 185-197 in H.K. Steen e R.P. Tucker (coordenadores), *Changing Tropical Forests; Historical perspectives on today's challenges in Central and South America. Proceedings of a Convergence sponsored by the Forest History Society and IUFRO Forest History Group*. Forest History Society, Durham, NC.
- e D.G. Campbell. 1990. Evidence for the successional status of liana forest (Xingu River Basin, Amazonian Brazil). *Biotropica* 22(1):36-47.

- Chmyz, I. e Z.C. Sauner. 1971. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do Rio Piquiri. *Dédalo* 7(13):7-35.
- Clastres, P. 1972. The Guayaki. Págs. 138-174 in *Hunters and gatherers today* (M.G. Bicchieri, coordenador). Holt, Rinehart and Winston, New York.
- Hill, K. K. Hawkes, M. Hurtado e H. Kaplan. 1984. Seasonal variance in the diet of Aché hunter-gatherers in eastern Paraguay. *Human ecology* 12(2): 101-135.
- Kozák, V., D. Baxter, L. Williamson e R.L. Carneiro. 1979. The Héta Indians: Fish in a dry pond. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, vol. 55, part 6. American Museum of Natural History, New York.
- Lisboa, P.L.B., U.N. Maciel e G.T. Prance. 1987. Perdendo Rondônia. *Ciência Hoje* 6(36): 48-56.
- Loureiro Fernandes, L. 1964. Lets Xetá et les palmiers de la forêt de Dourados: Contribution a l'ethnobotanique du Paraná. Págs. 39-43 in VI Congres International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques. Tome II. Musée de L'Homme, Paris.

Maack, R. 1968. Geografia física do Estado do Paraná. Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisa Tecnológicas, Curitiba.

Neves, W.A. 1988. Assim caminhou a humanidade. *Ciência Hoje* 8(47):46-54.

TABELA I. USOS DE PALMEIRAS PARA OS INDIOS GUAJA

Espécie	Nome Guajá	Nome Português	Usos
<i>Astrocaryum</i> <i>munbaca</i>	yu	<i>munbaca</i>	semente comestível
<i>Astrocaryum</i> <i>vulgare</i>	takama	<i>tucuma</i>	fibras da folha nova para corda do arco, rede, saia, tipóia, corda, fio para miçanga, fio para amarrar pênis
<i>Bactris</i> <i>humilis</i>	w'	<i>marajá</i>	cana da flecha feita do peçíolo
<i>Bactris maraja</i>	mariawa	<i>marajá</i>	mesocarpo comestível
<i>Bactris major</i>	kiripirihu	<i>marajá</i>	mesocarpo comestível

<i>Bactris</i> sp.	kiripiri	marajá	mesocarpo comestível
<i>Euterpe</i> <i>oleracea</i>	pinuwapihun	açaí	exocarpo comestível
<i>Geonoma</i> <i>baculifera</i>	yowo'i	ubim	bracelete da semente
<i>Maximiliana</i> <i>maripa</i>	inaya'i	inajá	mesocarpo, semente comestíveis; tigela feita da espátula
<i>Oenocarpus</i> <i>distichus</i>	pinuwa'i	bacaba	exocarpo comestível
<i>Orbignya</i> <i>phalerata</i>	wa'i'i	babaçu	amêndoa, mesocarpo comestíveis; palha da folha nova

Markleya
dahlgreniana

parana'i

?

amêndoa,
mesocarpo
comestíveis

TABELA II. AS VINTE ESPECIES ECOLOGICAMENTE MAIS IMPORTANTES
EM UM HECTARE DE MATA DE COCAL (HABITAT DOS INDIOS GUAJA,
BACIA DO RIO TURIACU, ESTADO DO MARANHAO)

<u>Especie</u>	<u>Nome Vulgar</u>	<u>USOs para os Guajá</u>
<i>Orbignya phalerata</i>	babaçu	alimento, construção (palha), alimento para caça
<i>Gustavia augusta</i>	jeniparana	alimento para caça
<i>Neea</i> sp. 1	joão mole	alimento para caça
<i>Pisonia</i> sp. 2	joão mole	alimento para caça
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	pau d'arco roxo	nenhum
<i>Spondias mombin</i>	taperebá	alimento, alimento para caça
<i>Dialium guianense</i>	jutaípororoca	alimento
<i>Lindackeria latifolia</i>	farinha seca	penete
<i>Maximiliana maripa</i>	inajá	alimento, alimento para caça
<i>Apuleia leiocarpa</i>	amarelão	nenhum
<i>Jacaratia spinosa</i>	jaracatiá	alimento, alimento para caça
<i>Hymenaea courbaril</i>	jatobá	alimento, alimento para caça, combustível

<i>Eugenia egensis</i>	pitanga	alimento para caça
<i>Licania kunthiana</i>	caraipé	alimento, alimento para caça, combustível
<i>Cupania scrobiculata</i>	--	nenhum
<i>Cordia scabrida</i>	freijó	envira (da casca)
<i>Croton cajucara</i>	sacaca	alimento para caça
<i>Trichilia quadrijuga</i>	jitó-mirim	alimento para caça, combustível
<i>Simaba cedron</i>	pau p'ra tudo	combustível, remédio para febre (folhas)
<i>Ceiba pentandra</i>	sumaúmeira	nenhum